

PRÁTICAS DE AVENTURA E AS POSSÍVEIS AÇÕES DE SAÚDE NO COTIDIANO DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Marcelo Paraiso Alves^{1,*}, Dalila de Lemos Sousa e Silva¹, Rodrigo Alecsander Gomes¹, Ana
Luisa Frantarolli Perfeito¹, Cassio Martins¹

(IFRJ/UniFOA, R. Antônio Barreiros, 212 - Nossa Sra. das Graças, Volta Redonda -
RJ, 27213-100; *marcelo.alves@ifrj.edu.br)

RESUMO

O presente estudo tem como gênese o projeto de extensão que está em desenvolvimento no IFRJ campus Volta Redonda. O referido projeto se inscreve em um espaço fronteiriço caracterizado pela interdisciplinaridade e interprofissionalidade, pois apesar de partir do campo da Linguagem, extrapola as ações propostas pelas disciplinas escolares ampliando a interlocução com a Assistência Social e Psicologia. Tal proposição intencionou contribuir com a Promoção da Saúde no cotidiano escolar no Pós Pandemia. Neste sentido, objetivo deste trabalho foi discutir a aventura como possibilidade de enfrentamento das situações de ansiedade e depressão no cotidiano escolar propondo um modo de cuidado de si e do outro como uma cultura, no intuito de minimizar o isolamento social. Metodologicamente o estudo está alicerçado em uma abordagem qualitativa, especificamente por intermédio de uma pesquisa de campo no intuito de apreender as redes forjadas no cotidiano da escola fabricadas no modo como o coletivo de estudantes produziram outros conhecimentos para além dos conteúdos tradicionais. Considerando ser um estudo desenvolvido com seres humanos, o trabalho foi submetido ao comitê de ética e autorizado sob o registro CAAE: 32588914.9.0000.5237.

Palavras-chave: Ensino Médio; Cotidiano; Aventura.

INTRODUÇÃO

O presente estudo emerge do projeto de extensão/pesquisa - **Múltiplas linguagens, interprofissionalidade e as possíveis práticas de saúde no cotidiano de uma escola pública** - que está em desenvolvimento desde agosto de 2022 no Instituto Federal do Rio de Janeiro campus Volta Redonda. O referido projeto se inscreve em um espaço fronteiriço caracterizado pela interdisciplinaridade e interprofissionalidade, pois apesar de partir do campo da Linguagem (Educação Física, Letras e Música), extrapola as ações propostas pelas disciplinas escolares ao ampliar sua interlocução com as áreas da Assistência Social e Psicologia. Tal proposição intenciona contribuir com a Promoção da Saúde no cotidiano escolar no Pós Pandemia (Silva; Rosa, 2021; Melo *et al.*, 2022).

A justificativa do estudo está fundada nos dados que revelam um aumento significativo nas última décadas, no número de adolescentes com ansiedade e, simultaneamente, de casos de depressão que implicam alto grau de morbidade e mortalidade, especialmente o suicídio, não sendo diferente o aumento dos casos depressivos entre os(as) estudantes do Ensino Médio.

Ao investigar a percepção da ansiedade em adolescentes, Oliveira e Oliveira (2020, p. 2) consideram que há um número significativo de adolescentes que sofrem de ansiedade, o que acarreta o surgimento de doenças, podendo ocasionar “prejuízos em seu dia-a-dia. Muitos apresentam transtorno de ansiedade com comorbidades, outros têm seus sintomas medicalizados, ou apenas frequentam psicoterapias devido à ansiedade em excesso”.

Do mesmo modo, Grolli, Wagner e Dalbosco (2017, 89) ao investigarem a prevalência de ansiedade e depressão em estudantes do Ensino Médio em uma escola pública, perceberam

que o ensino médio, a escolha profissional e a entrada no mundo adulto, configuram-se como aspectos relevantes para a adolescência, visto que, representa uma “fase associada a uma alta reatividade emocional, de modo que alguns transtornos podem se manifestar, comprovando a relevância do estudo da saúde mental em adolescentes”.

Diante do exposto, no decorrer da Pandemia e no Pós Pandemia, especificamente no ano de 2021, o setor Técnico Pedagógico do campus Volta Redonda, junto com parte do corpo docente do Núcleo Comum do Curso de Automação Industrial do IFRJ, perceberam o número crescente de casos de adolescentes em estado de ansiedade, o que nos moveu ao seguinte questionamento: como as unidades de ensino podem auxiliar os(as) estudantes que apresentam sinais de ansiedade e se encontram fragilizados por vários determinantes sociais? No intuito de intervir no cenário apresentado, propomos um projeto interdisciplinar (Educação Física Letras e Música) e interprofissional (Psicologia e Assistência Social) que recebeu fomento da FAPERJ. Tal ação partiu do entendimento que havia a necessidade de questões complexas das que nos envolvia e nos afetava e que precisavam ser problematizadas nas unidades de ensino.

Nesta linha de pensamento, cabe frisar que o projeto no decorrer de 2022/2023 criou um espaço de ampliação das experiências de estudantes para além da oralidade e da escrita. Os espaços de oficinas onde o *Slackline* e os jogos de vertigem²⁴ (Caillois, 1990), escalada e rapel produziram outras formas de ser e estar no mundo, proporcionando maneiras outras de cuidado co-labor-ativo.

Assim, Ferreira *et al.* (2017, p. 280) ressalta que ainda é um desafio a produção de novos sentidos para um trabalho compartilhado objetivando de modo efetivo a “[...] desinstitucionalização do cuidado, na medida em que implica a construção de redes de cuidado compartilhado e territorializado em saúde mental, mas, nos movimentos micropolíticos, algumas mudanças parecem ser operadas.”

Desse modo, a Carta de Ottawa (1986) e a noção de Promoção da Saúde são fundamentais para este trabalho, pois a entendemos como um “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo” (Heidmann, 2006, p. 353).

Nesta linha de pensamento, torna-se importante frisar que, se a Carta de Ottawa (1986) e a 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986) marcou a formulação de políticas públicas, fomento de ambientes saudáveis, fortalecimento da participação comunitária, capacitação individual e reestruturação dos serviços de saúde, a 17ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) realizada em julho de 2023 foi determinante “pela retomada da direcionalidade da política nacional de saúde e do Estado brasileiro em uma perspectiva democrática” (Falcão; Lages; Santos, 2023, p. 370).

A esse respeito Travassos e Lima (2023) consideram que a 17ª CNS permitiu a pluralidade de participação social permitindo que um número significativo de recomendações fossem encaminhadas por movimentos sociais articulados a partir das questões de raça, gênero, etnia, pessoas com deficiência, dentre outros. Considerando ser um estudo desenvolvido com seres humanos, o trabalho foi submetido ao comitê de ética e autorizado sob o registro CAAE: 32588914.9.0000.5237.

METODOLOGIA

²⁴ *Ilinx* – jogos que buscam a centralidade das ações na vertigem. O intuito dos jogos é retirar a estabilidade e a percepção do corpo humano, ou seja, busca-se atingir uma espécie de espasmo, transe, afastamento súbito da realidade. Essa atividade pode ser encontrada tanto em crianças, como nos adultos (Caillois, 1990).

O estudo emerge de uma abordagem qualitativa, pois privilegia a lógica do estudo de caso (Certeau, 1994; Alves, 2005; Oliveira; Sgarbi, 2008; Ferraço, 2008) no intuito de mergulhar nas práticas cotidianas desvelando o modo como os praticantes usam e fazem as múltiplas maneira de promover a saúde no/do IFRJ *campus* Volta Redonda.

O procedimento de mergulho no/do/com os cotidianos (Alves, 2005) das oficinas se deu a partir da descrição das redes de acontecimentos, atores e conhecimentos produzidos no referido espaço, privilegiando o currículo como construção cotidiana (Oliveira, 2012), além de episódios de aulas relevantes, que foram observadas e anotados em caderno de campo (Goldenberg, 1999).

Outro instrumento utilizado na pesquisa foram as postagens de estudantes (*WhatsApp*) que participaram das oficinas, pois a referida rede social se mostrou eficiente na apreensão das percepções de estudantes imediatamente as atividades. Ao desenvolver uma pesquisa a respeito da cultura indígena Heimbach (2020) menciona o potencial do *WhatsApp*, enquanto rede social e canal de acesso a entrevistas/bate papos, sendo indicando como um recurso significativo na produção de dados de pesquisa.

CENÁRIO DO PROJETO MÚLTIPLAS LINGUAGENS: COMPREENDENDO O TERRITÓRIO

O projeto ora apresentado busca sua justificativa na triangulação de três dimensões distintas, mas complementares: primeiro, a constituição histórica da cidade de Volta Redonda; segundo, o processo de intervenção nas Políticas Públicas de Esporte e Lazer no referido município; terceiro, nos impactos promovidos pelo pós Pandemia do COVID- 19 na educação.

Com relação ao histórico de Volta Redonda, propõem-se a reflexão sobre território, pois são espaços urbanizados a partir de uma ação desenfreada, que dialoga com uma perspectiva pela qual passaram as cidades brasileiras nos últimos 50 anos, resultante, em boa parte, do êxodo rural, que terminou por desenhar o perfil da população urbana de Volta Redonda.

Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), permitiu perceber que em 2015, apenas 15,28% da população viviam em situação **rural**, contra 84,72% em situação urbana²⁵. Dessa forma, configura-se desde a década de 1950, a formação das cidades brasileiras a partir da construção de um cenário de contrastes, típico das grandes cidades do Terceiro Mundo (ABIKO, SILVA, 2007; SAMPAIO, FERREIRA, SILVA, MATTOS, 2011).

O município de Volta Redonda, especificamente, apesar de ter se configurado singularmente na perspectiva de uma “*Company Town*”²⁶ (PARAISO ALVES, 2001), organizada e racionalizada para o trabalho, se desenvolveu marcada pela hierarquia fabril, dividindo-se na Cidade Operária (planejada) e a Cidade Velha, relegada a urbanização desordenada, à maneira como se deu a criação da maioria dos municípios, atropelando os modelos de organização do território e gestão urbana tradicionalmente utilizada, o que, na atualidade, apresenta motivos para contestações e críticas.

²⁵ Vale mencionar, como um aporte complementar que, estatisticamente, em termos de história mundial, só no período que vai de 1800 até 1914, a Europa chegou a uma extensão demográfica da ordem de 460 milhões de indivíduos. O fato impressiona, simplesmente ao se levar em consideração que no período de 12 séculos até 1800 sua população total atingiu 180 milhões.

²⁶ *Company-town* – Cidades ou regiões inteiras controladas por uma empresa, muitas vezes propriedade de uma única família, que a passava de pai para filho, durante várias gerações (Morel, 1989, p. 54).

O resultado tem sido o surgimento de bairros sem infraestrutura, somado ainda a dois aspectos: a indisponibilidade de serviços adequados para comportar o crescimento provocado pelo contingente populacional que migrou para as cidades, e, o despreparo das cidades para receber o imenso contingente de pessoas e absorver toda essa mão-de-obra.

Como se não bastasse o já exposto, o contexto ainda se agrava ao levar-se em consideração o capitalismo exacerbado e a especulação do mercado imobiliário, concebendo o território apenas como o espaço neutro de transações financeiras, então como produto, como mercadoria, que acaba por desprivilegiar as classes populares, excluídas como ficam, já que não têm como ‘pagar’ pelo produto, do acesso às áreas de melhor localização e dotadas de melhor infraestrutura.

Enfim, as classes de menor poder aquisitivo são empurradas para a periferia das cidades que são caracterizadamente constituídas por lugares topográficos e condições geograficamente desvantajosas e/ou com múltiplas restrições em relação ao ambiente para ocupação regular, as encostas dos morros, os fundos dos vales, diversas áreas de risco, em sua maioria sem a menor condição de infraestrutura e equipamentos urbanos. Estas regiões marginais concentram grandes assentamentos urbanos e problemas socioambientais, tais como poluição sonora, atmosférica e hídrica; destruição dos recursos naturais; desintegração social; desemprego; perda de identidade cultural e níveis exacerbados de violência e tudo isso agravado pela Pandemia do COVID-19.

Nesta linha de pensamento, a constituição histórica da cidade, um modelo de uma cidade construída para o trabalho – **“Cidade do Aço”** – nos deparamos com um município que estruturou sua economia no entorno de um pólo industrial, tornando-se perceptível o privilégio de espaços para atender a demanda na área industrial e tecnológica, acarretando a ausência ou existência de poucos e pequenos espaços com áreas verdes para a população.

Em relação ao segundo aspecto, as Políticas Públicas de Esporte e Lazer, temos visto que a cidade se estrutura com 11 ginásios municipais poliesportivos, 1 estádio municipal, 1 parque aquático municipal, Academia de Musculação para a Terceira Idade, 2 Arenas com campo de grama sintética, 1 Centro esportivo (utilizado como Centro de Treinamento do Volta Redonda Futebol Clube), o que privilegia os esportes considerados tradicionais, mantendo a margem dos processos as *tribos* praticantes de esportes não convencionais.

Segundo Marcellino (2001) é necessário repensar a políticas públicas e perceber que a “cidade deve ser administrada para todos” (p. 10). O autor considera que debater a política de lazer significa, para além das questões de tempo livre, de uma diversidade de atividades a serem realizadas, da redução da jornada de trabalho, significa também trazer à tona a reordenação do solo, incluindo aí os espaços e equipamentos de esporte e lazer:

Há a necessidade de enxergar o lazer para além de uma política de atividades, o que remete a questão urbana do uso do solo, construção de equipamentos, reaproveitamento de equipamentos, otimização dos já existentes, e que demanda um trabalho em conjunto com as Secretarias de Obras, de Planejamento, de Parques e jardins, dentre outros (MARCELLINO, 2001, p. 13).

Perceber a necessidade de repensar os espaços urbanos a partir das práticas juvenis requer reconhecer que a necessidade de minimizar as barreiras que contribuem para a inibição da prática do lazer, sobretudo as existentes intraclasses sociais: as questões de faixa etária, sexo, estereótipos, dentre outras.

Outro aspecto que nos remete a pensar a cidade e sua relação com o lazer advém da noção de Matos (2001) ao se reportar ao respeito pelas singularidades culturais: “o lazer como cultura é parte da dimensão imaterial, intangível, da condição humana. Para a autora o lazer é um bem social, um direito que todo cidadão possui e, portanto, “um instrumento essencial à apropriação da cidade por toda a cidade” (p.119).

Nesse sentido, a autora ainda menciona que “ver a cidade significa ver o outro” (p. 119) para posteriormente tentar perceber o problema do outro que em nosso caso emerge com as práticas juvenis.

Dessa forma, o projeto busca intervir no interior do estado do Rio de Janeiro preenchendo a lacuna existente nas políticas públicas de esporte e lazer buscando intervir e contribuir com o debate acerca dos espaços urbanos, equipamentos de esporte e lazer, pois propõe a criação de um espaço para a prática corporal reflexiva onde os estudantes são estimulados, por intermédio da **Oficina do Equilíbrio e Saúde**, a praticar atividades não convencionais que os desafia, permitindo que eles/elas reflitam sobre as suas ações no mundo.

Tal proposição considera a necessidade de ampliar os espaços educativos no cotidiano escolar, mas também para além dos muros da escola para que esta se transforme em um espaço diferenciado, um local de produção de cultura estabelecendo a relação com outros saberes para além da cultura moderna e do conhecimento científico, os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade. Na verdade o projeto opera com a ideia da pluralidade de experiências (Larrosa, 2002), porque promove o aprendizado de outras habilidades e permita a eclosão de saberes outros que estão invisibilizados pela razão monocultural e rigorosa do conhecimento científico (Santos, 2019).

Diante do exposto e, entendendo a discussão de Betti e Zuliani (2002) que considera que a concepção esportivista demonstra sinais de esgotamento gerando questionamentos por parte dos próprios estudantes que, “não vendo mais significado na disciplina, desinteressam-se e forçam situações de dispensa” (p. 74), buscamos na aventura o despertar para outras experiências corporais.

Nesta linha de pensamento, salientamos que o espaço da oficina as Práticas de Aventura e os Jogos de Vertigem (Caillois, 1990), emergem como uma experiência relacionada ao desequilíbrio, a incerteza, como formas de enfrentamento da vida lábil, o que nos remete a terceiro aspecto que justifica o projeto: o pós Pandemia do COVID-19 e a vulnerabilidade social em detrimento dos quadros de estresse, ansiedade e depressão.

Para Caillois (1990) a sociedade atual, em decorrência da razão instrumental, desenvolveu a capacidade de proporcionar alienação nos indivíduos, os quais para lidar com tal estado, precisam fugir da realidade para se sentirem mais extasiados tanto nos aspectos mentais como sociais e psicológicos.

Desse modo, o que estamos a frisar é que diversos autores (Pereira *et al.*, 2018; Sousa; Nobrega, 2020) nos chamam a atenção para a “[...] vulnerabilidade dos indivíduos submetidos ao isolamento social, com tendência a apresentarem sintomas de sofrimento psíquico principalmente relacionados ao Estresse, Ansiedade e Depressão” (Castro; Junqueira; Cicuto, 2020, p.3).

Desse modo, seguindo o direcionamento de pesquisadores (Pereira *et al.*, 2018; Sousa; Nobrega, 2020) que alertam-nos sobre a necessidade de estratégias de cuidado da saúde mental e redução dos sintomas de sofrimento psíquico por intermédio do acesso à informação da população, além de suporte de profissionais da área da saúde, as oficinas possibilitam o diálogo e o compartilhamento de experiências na tentativa de estabelecer uma cultura de um cuidado compartilhado.

Seguindo a lógica supramencionada, Castro, Junqueira e Cicuto (2020, p. 8) ao realizar pesquisa com estudantes do Ensino Médio, indicam a necessidade de ações, “[...] especialmente em estudantes concluintes da terceira série do Ensino Médio, uma vez que a Ansiedade e momentos de Estresse e de humor deprimido são inerentes a esta fase, mas podem ser agravados em um cenário pandêmico”.

Nesta linha de pensamento, na tentativa de responder uma das controvérsias da pesquisa - até que ponto realmente há uma mudança no cotidiano escolar em relação a ênfase

nas múltiplas linguagens como um espaço diferenciado no ato de cuidar? – passamos a visibilizar algumas práticas cotidianas da Oficina do Equilíbrio e Saúde.

OFICINAS DO EQUILÍBRIO E SAÚDE

Quadro 1 - Cronograma do Projeto

No.	ATIVIDADES	ANO 1												ANO 2											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	Ciclo de Atividades 1 - Equilíbrio na Fita: equilíbrio	X	X	X																					
2	Ciclo de Atividades 2 - Voo e queda: a necessidade do Equ	X	X	X	X																				
3	Ciclo de Atividades 3 - Velocidade e Tempo: desafios da percepçã	X	X	X																					
4	Ciclo de Atividades 4 - Tirolesa: Medo e Confiança no Outro									X	X	X													
5	Ciclo de Atividades 5 - Escalada superação e enfrentamento da altura													X	X	X									
6	Ciclo de Atividades 6 - Incerteza, insegurança e o Risco Calculado																X	X	X						
7	Revisão da Literatura	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X									
8	Produção de Dados (Roda de Conversa, Diário de B	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X						
9	Relatório Parcial												X	X											
10	Discussão dos dados de pesquisa																			X	X	X	X	X	X
11	Produção de Paper para eventos científico																			X	X	X	X	X	X
12	Relatório Final																								X

Fonte: Autoria Própria

Investir na ampliação das experiências dos(as) participantes no intuito de promover a aquisição das habilidades motoras e recursos de processos de ressignificação do universo cultural e socioemocional dos(as) estudantes do IFRJ campus Volta Redonda, por intermédio da instrumentalização das linguagens, tem sido o foco central do projeto de extensão/pesquisa ora mencionado. O quadro 1 revela o planejamento das ações previstas para o projeto. Salientamos que os ciclos 1, 2, 3 e 4 já foram desenvolvidos e as atividades do ciclo 5 e 6 estão em desenvolvimento. No entanto, pensando na dimensão do texto vamos nos restringir ao relato dos ciclos 1 e 2.

3.1 Ciclo 1 – Equilíbrio na Fita: equilíbrio na vida

Iniciamos as atividades do projeto em agosto de 2022 com o desenvolvimento do ciclo 1, que teve como proposição o processo de equilibração e o *Salckline* como modalidade central das experiências (Larrosa, 2002). Para Larrosa (2002, p. 26) o saber da experiência emerge no formato de práxis, porque “se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho”. Para o autor, a produção dessa forma de saber se dá a partir da relação entre o conhecimento e a vida humana.

No rastro de Ginzburg (1989) apresentamos algumas pistas, sinais, indícios do modo como desenvolvemos as práticas de equilibração:

Figura 1 – Oficina do Equilíbrio



Fonte: Próprio autor

Figura 2 – Equilibração



Fonte: Próprio autor

Figura 3 – Equilibração



Fonte: Próprio autor

Figura 4 – Jogo do Equilíbrio



Fonte: Próprio autor

Diante do exposto, torna-se relevante ressaltar que, ao considerar as questões supramencionadas em relação a experiência, não se trata de encontrar a verdade do que são as coisas, “mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento” (*idem*, p. 27).

Assim, o que estamos salientando é que, no cotidiano das oficinas concebemos esse saber como algo finito, visto que, ele possui um caráter singular, individual/coletivo, de uma comunidade, por ser particular e subjetivo. Portanto, a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, por isso duas pessoas ao participarem do mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência.

Segundo Pereira e Armbrust (2010) as práticas de aventura ajustam os estímulos às expectativas e níveis de conhecimento aos interesses dos educandos, favorecendo os processos e ações comunicativas entre seus pares, o que auxilia na aprendizagem.

Figuras 6,7,8,9 – Oficina do Equilíbrio



Fonte: Próprio autor

As narrativas revelam o que estamos discutindo:

Estudante G.S: A experiência de hoje foi bem exótica, já tinha praticado equilíbrio antes e atividades de olhos fechados, **mas nunca os dois juntos**. Eu tenho que até uma certa facilidade em me equilibrar em algumas estações, mas nas bolas é a minha maior dificuldade, eu tenho muita dificuldade em manter o corpo equilibrado. Na atividade de hoje como foi **vendado os nossos olhos, o meu equilíbrio ia para o espaço**, acabava tendo dificuldade em me equilibrar mas acabava conseguindo um pouco, mas o problema mesmo foi a bola, onde minha perna começava a doer, não conseguia me manter sentado, mas de joelho até que ia (Narrativa da aula de 01/11/22, postagem no grupo de *WhatsApp* do projeto). **Grifos nossos**.

Estudante G: Na última atividade foi bem interessante e diferente, **reunir o equilíbrio e a falta de um dos sentidos**, a visão no caso, **pelo o que pude perceber, é que manter a calma e não se desesperar é o melhor caminho**, e mesmo já tendo uma vivência nesse tipo de atividade, não tem como ser fácil concluir. **Com música fica um pouco mais fácil**, pois é algo que nos concentramos e focamos para fazer o que foi pedido (Narrativa da aula de 01/11/22, postagem no grupo de *WhatsApp* do projeto). **Grifos nossos**.

Assim, fundado na discussão de Larrosa (2002), ressalta-se que as práticas de aventura permite que cada estudante perceba as práticas de modo singular partindo de suas dificuldades e seus anseios, para posteriormente socializa-los. Um aspecto que se destacou durante o desenvolvimento das atividades foi o compartilhamento das sensações individuais, pois provocava e afetava o outro de modo a incentivar os colegas que estavam receosos com algumas ações, principalmente nos momentos que as vendas foram utilizadas.

Considerando o exposto, fica evidente que as imagens aqui apresentadas não nos servem como simples ilustração, mas como outras formas de sentir, perceber e experienciar o mundo. Para Oliveira e Geraldi (2010) as imagens são formas de narrar o mundo, pois contribuem para a ampliação da complexidade que emerge do meio social.

Desse modo, percebe-se que as imagens revelam que a oficina de equilibração exigiu dos(as) estudantes a concentração constante, o equilíbrio nas ações e o enfrentamento das situações de incerteza e instabilidade. Nesse movimento o corpo se adapta aos implementos, refinando movimentos e gestos, auxiliando em outras aprendizagens que ultrapassam a mera ação motora desenvolvendo habilidades para o enfrentamento das situações do dia a dia.

Outrossim, as narrativas postadas na rede social revelam indícios do enfrentamento que estudantes tiveram que realizar com situações inusitadas e inesperada. Tais enfrentamentos tiveram como objetivo refletir e problematizar com os(as) estudantes a

necessidade da busca pelo equilíbrio nos momentos em que somos surpreendidos, visto ser esses os momentos de maior nível de estresse, ocasionando picos de ansiedade e depressão.

Para finalizar, ressalta-se que ao término das atividades das oficinas, a roda de conversa é realizada como uma forma de compartilhar as experiências e as percepções diante das provocações promovidas pela aventura.

CONSIDERAÇÕES

Considera-se que o estudo contribuiu para compreender a construção cultural dos(as) praticantes do cotidiano das oficinas do projeto investigado. Pensar a construção do conhecimento, por meio das práticas cotidianas, buscando delimitar as *redes de conhecimentos* que ligam diferentes constituintes dessa rede baseia-se no fato de haver recorrentes menções de que as aulas tradicionais ainda são as referências na educação. Isso reflete um debate que envolve universos de conhecimento e visões de mundo distintas, cujo diálogo evidenciado na rede, pode e deve ser esclarecido e explicitado pelo debate acadêmico e científico na tentativa de explicar a crise que assola a escola na atualidade. Desse modo, entendendo que o projeto encontra-se em desenvolvimento, salienta-se que o estudo apresenta pistas das maneiras de usar e fazer (Certeau, 1994) que professores e estudantes criam, reinventam e adaptam para produzir um espaço que lhes seja prazeroso e saudável.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Redes Urbanas de Conhecimentos e Tecnologias na Escola**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj 5 a 9 de setembro de 2005. www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/.../R1346-1.pdf.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. V.I, n.1, p. 73-81, 2002.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FALCÃO, M. Z., LAGES, I., SANTOS, J. S. 17ª: uma Conferência comprometida com a Democracia e a Saúde In: **Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 47, n. 138, jul-set, 2023.

FERRAÇO, C. E. ‘A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas. In FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FERREIRA, T. P da S. *et al.* Produção do cuidado em Saúde Mental: desafios para além dos muros institucionais. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2017, v. 21, n. 61

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HEIMBACH, N. Estratégias de uma pesquisa sobre culturas indígenas: o uso do WhatsApp como recurso para produção de dados. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia, [S. l.]**, v. 2, n. 1, p. 83–98, 2020.

MELO, H. *et al.* Indicativos de Ansiedade, Estresse e Depressão em Professores e Estudantes no Contexto da Pandemia. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 11, n. 1, p. 95-104, 2022.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do Cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, I. B.; GERALDI, J. W. 'Narrativas outros conhecimentos, outras formas de expressão'. IN **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura. Os esportes radicais, de aventura e ação na escola**. Jundiaí – SP: Fontoura, 2010.

PEREIRA, M. F. Interprofissionalidade e saúde: conexões e fronteiras em transformação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. 2018, v. 22, n. Suppl 2 [Acessado 15 Novembro 2021], pp. 1753-1756.

SILVA, S. M. da; ROSA, A. R. O impacto da covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Prâxis**, [S. l.], v. 2, p. 189–206, 2021.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Autêntica, 2019.